

# IDH mostra o Brasil distante do 'pódio' do desenvolvimento humano

DANIEL GOMES

danielgomes.jornalista@gmail.com

A estagnação do Brasil na 79ª posição no ranking do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), anunciado pela ONU em 21 de março, causou surpresa inicial, pois desde 2004 o país tinha registrado avanços nesse indicador.

Segundo o Relatório do Desenvolvimento Humano 2016 (RDH), feito pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), com base em dados de 2015, o IDH do Brasil se manteve igual ao de 2014, com índice 0,754, numa escala que varia de 0 a 1, em que os melhores valores são os mais próximos de 1. O cálculo é feito a partir dos indicadores de longevidade (esperança de vida ao nascer), educação (alfabetização da população e taxa de frequência nos ensinos fundamental, médio e superior) e renda bruta *per capita*.

Segundo Andréa Bolzon, coordenadora nacional do RDH, o declínio da renda bruta *per capita* determinou a estagnação do Brasil no ranking, e também explica a queda em 19 posições no IDH ajustado à desigualdade, que leva em conta a diferença de renda entre os mais ricos e os mais pobres. De 2014 a 2015, a renda bruta *per capita* no Brasil caiu 4,8%, especialmente devido ao aumento do desemprego. Por outro lado, no mesmo período, a expectativa de vida subiu de 74,5 para 74,7 anos; a média de estudo cresceu de 7,7 para 7,8 anos; e a expectativa de tempo de estudo se manteve estável em 15,2 anos.

## EM CAMINHO DE RECUPERAÇÃO?

Na avaliação de Paulo Silvino Ribeiro, doutor em Sociologia e professor da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (Fesp), a estagnação do IDH é fruto da crise econômica sentida no Brasil desde 2013. "Em um país como o nosso, que tem uma vulnerabilidade social muito alta, os mais pobres sentem primeiro uma crise econômica, e nessas ocasiões o país acaba investindo menos naquilo que diz respeito aos aspectos fundamentais que possam melhorar o nosso IDH, ou seja, em nome do ajuste econômico, se investe menos em questões de natureza social", explicou ao **O SÃO PAULO**.

Em nota, em 21 de março, a Presidência da República manifestou que os dados do IDH "ilustram a severidade da crise da qual apenas agora o país vai saindo". O governo também disse confiar que as ações da atual gestão levarão à melhoria do índice: "Medidas como o controle das contas públicas, garantia dos gastos em saúde e educação, garantia do acesso à água por meio da conclusão do Projeto São Francisco, retomada do crescimento e do emprego se combinam para recolocar o país nos trilhos e criar uma realidade que logo será refletida nos indicadores internacionais".

O otimismo do governo é visto com ressalvas por Paulo Silvino: "Acho muito pouco provável que estejamos vivendo um tempo de bonança ou de virada do jogo. Acredito que podemos voltar a pensar em um possível momento de inflexão a partir do resulta-



Brasil mantém 79ª lugar no IDH, mas cai 19 posições na diferença de renda entre ricos e pobres

do das eleições de 2018, quando poderemos ter um cenário um pouco mais estável".

Na apresentação dos dados, Andréa Bolzon lembrou que o "aumento do Índice de Desenvolvimento Humano é muito sensível e baseado em questões estruturantes". Desse modo, a evolução que cada país alcança no índice também está associada a políticas de longo prazo. "No passado, o Brasil cresceu a taxas altíssimas, mantendo uma taxa de pobreza alta. Agora, o país precisa voltar a crescer com muito cuidado, incluindo as pessoas e não concentrando o resultado desse crescimento", alertou a coordenadora nacional do RDH.

Também representante do Pnud no Brasil, Niky Fabianic considerou que apesar do recente resultado, o país tem avançado de modo consistente no IDH nos últimos 20 anos. "Hoje, muitos assuntos são urgentes. E estamos atentos às propostas de reformas do ensino médio, Trabalhista, da Previdência e Tributária", comentou.

## VALE A PENA TER O IDH COMO BASE?

De acordo com o RDH 2016, superar as exclusões sociais é o primeiro passo para alcançar o desenvolvimento humano e isso deve ser pensado pelos países em quatro pilares: Aumento do piso de proteção social (políticas de saúde e educação; de assistência social; benefícios previdenciários para grupos vulneráveis; e inclusão financeira); Políticas de ação afirmativa (para mulheres, negros, indígenas, pessoas com deficiência); Desenvolvimento humano sustentável (para que choques, como recessões econômicas, epidemias, desastres naturais, não façam as pessoas voltarem à situação de pobreza); e Participação e autonomia dos excluídos (efetivar os tratados de direitos humanos, garantir o acesso à justiça, promover inclusão e proporcionar o direito à informação).

Paulo Silvino considerou que "o IDH é um excelente indicador de desenvolvimento humano, por mostrar a relação entre escolaridade, renda e longevidade", mas comentou que é preciso ter um olhar crítico para alguns indicadores.

"Pensar anos de escolaridade não significa diretamente que o indivíduo teve uma boa formação. Por exemplo: dois jovens às vésperas de prestar vestibular, com a mesma escolaridade em termos de tempo, podem estar absolutamente em pontos diferentes

de uma largada para se buscar uma vaga em uma universidade pública. Também isso é válido quando se fala da longevidade. Houve a melhora da qualidade de vida de modo geral, e isso vai desde coisas mais elementares, como o acesso à água potável ou à assistência médica, mas é preciso pensar que muitos anos de vida e de escola não devem ser plenamente vistos como algo positivo. É preciso olhar a qualidade dessa escolaridade e dessa vida", detalhou.

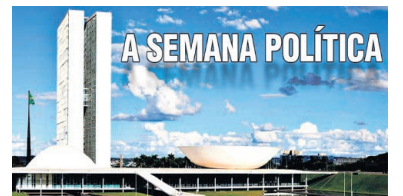
## PIOR QUE 4 VIZINHOS SUL-AMERICANOS E DISTANTE DA NORUEGA

No ranking do IDH, o Brasil está entre os 55 países considerados de alto desenvolvimento humano, aqueles com IDH entre 0,7 e 0,799. Dois outros países na América do Sul estão nesse grupo, mas com melhor desempenho: Uruguai (0,795) e Venezuela (0,767). Já outras duas nações vizinhas estão no grupo dos 51 países com desenvolvimento humano muito alto, com índices acima de 0,8: Chile (IDH 0,847) e Argentina (0,827).

Mais uma vez, a líder entre os 188 países no IDH é a Noruega, que alcançou o índice 0,949. Nesse país europeu onde a média de vida é de 81,6 anos, o aumento da renda tem sido acompanhado de uma distribuição mais uniforme dos recursos. Além disso, desde os anos 90, as verbas obtidas com a exploração de Petróleo vão para um fundo chamado "Oljefondet", destinado para fins sociais.

Perguntado se o Brasil deve se espelhar no que é feito na Noruega para avançar no IDH, Paulo Silvino diz ser "um pouco temeroso fazermos comparações entre realidades tão diferentes como Brasil e Noruega". O doutor em Sociologia lembrou ainda que em alguns países, como a Noruega, têm "uma noção do que é o Estado, do que é a política pública com vistas à promoção da cidadania, que é muito mais forte do que no Brasil. Porém, penso que é um engano achar que podemos copiar qualquer modelo democrático de fora ou mesmo acreditar que esses modelos são processos acabados. Eles não o são, pois a sociedade tem um dinamismo muito intenso. Então, sobre a diferença do Brasil com os outros países, uma chave importante é a gente pensar a nossa cultura política", concluiu.

(Com informações da ONU Brasil, Terra, BBC, G1, EBC, IG e Correio Braziliense)



## PROGRAMA DE METAS

A Prefeitura de São Paulo entregou em 30 de março à Câmara Municipal a primeira versão do Programa de Metas 2017-2020, com os compromissos da gestão de João Dória Júnior. O programa está dividido em cinco eixos temáticos principais – "Econômico e Gestão", "Urbano e Meio Ambiente", "Social", "Humano" e "Institucional". Ao todo, estão listadas 50 metas, atreladas a 69 projetos.

"Este programa apresenta metas focadas em resultados para os cidadãos, com maior qualidade, alinhadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas, com maior participação e interação da sociedade. Um programa de metas objetivas não precisa necessariamente ser grande, ele deve ser efetivo e, principalmente, cumprido neste período", disse o Prefeito, em resposta indireta àqueles que o criticaram pela pouca quantidade de compromissos listados em comparação a seus antecessores: Fernando Haddad (PT) comprometeu-se com 123 metas e Gilberto Kassab (PSD), com 223, mas ambos cumpriram pouco mais da metade.

No site <http://programademetas.prefeitura.sp.gov.br>, os cidadãos podem dar sugestões ao programa. Outra forma de participação são as audiências públicas que acontecerão nos dias 6, 8, 9 e 24 deste mês.

## CHAPA DILMA-TEMER

O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) adiou na terça-feira, 4, o julgamento da ação em que o PSDB pede a cassação da chapa Dilma-Temer, vencedora das eleições de 2014. A maioria dos ministros aceitou o pedido feito pelos advogados ex-presidente Dilma Rousseff, que requereram prazo de mais cinco dias para apresentar a defesa. O prazo começará a contar após o fim dos novos depoimentos que foram autorizados. Assim, na prática, o julgamento deve ser retomado somente na última semana de abril, considerando os feriados deste mês e a agenda do presidente do TSE, o ministro Gilmar Mendes. Caso a chapa seja cassada, o Congresso Nacional deverá convocar eleições indiretas para presidente da República.

Fontes: Prefeitura de São Paulo e EBC